



# CARTOGRAFIAS DE UM PERCURSO ESTÉTICO E ARTÍSTICO NA INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS COM A ARTE TRIDIMENSIONAL

José Inacio Sperber<sup>1</sup>  
Rosana Clarice Coelho Wenderlich<sup>2</sup>  
Carla Carvalho<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta discussões acerca de uma pesquisa com crianças na relação com obras tridimensionais. É uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como método a cartografia. Objetivou-se cartografar percursos das crianças na relação com obras tridimensionais e em vivências com materialidades diversas. As propostas desenvolvidas em um Centro de Desenvolvimento Infantil em município do Vale do Itajaí, permitiram às crianças vivenciarem experiências com as obras do artesão Mestre Vitalino, que trabalha a linguagem da cerâmica e as obras do artista William Kass, que elabora produções fotográficas com alimentos e bonecos em miniatura. A partir destas obras, foram planejadas propostas que permeiam a tridimensionalidade com a argila e massa de biscoito. A geração de dados foi realizada em três etapas: a) conhecimento da turma com registros em diário de campo; b) aplicação das atividades elaboradas e posterior análise. Foi realizado com um grupo de crianças de 4 para 5 anos. As propostas desenvolvidas a partir da perspectiva tridimensional abordada por Roseli Moreira (2012, 2018) permearam o contato com as produções em cerâmica, o registro dos percursos por meio dos mapas e a fruição, contextualização e criação. Os dados indicam a relevância da realização de atividades tridimensionais na educação infantil, ampliação de repertório imagético das crianças e vivências com arte tridimensional no âmbito da educação infantil.

**Palavras-chave:** Artes visuais, Educação Infantil, Tridimensional.

## INTRODUÇÃO

Reconhecer as singularidades de cada sujeito, requer compreender suas necessidade e possibilidades, e neste caso em especial, reconhecer a criança como sujeito de direitos e protagonista que nas relações que estabelece cria, recria, inventa, imagina, explora, aprende e se desenvolve. Diante dessas questões, cabe ao professor

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional de Blumenau (FURB) - SC, [joooseinacio@gmail.com](mailto:joooseinacio@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) - SC, [rosana.wenderlich@gmail.com](mailto:rosana.wenderlich@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) - PR, [ca\\_carvalho@icloud.com](mailto:ca_carvalho@icloud.com).



compreender e tentar, em meio as suas possibilidades, lidar com as singularidades de cada sujeito.

Adentrar no campo da educação infantil e suas especificidades, faz deste momento e deste lugar de pesquisa uma experiência singular uma vez que a abordagem de conteúdos pertinentes à área de Artes Visuais, nesta que se caracteriza como a primeira etapa da educação básica, vai se configurar em uma proposta curricular por campos de experiência.

Nesse sentido, o viés que aqui se pretende discutir traz à baila a arte e suas linguagens como um fazer necessário para a formação integral do sujeito, sendo que esta se inicia na infância. É na educação infantil que a arte se faz presente em suas mais diversas linguagens: cantar, desenhar, pintar, ler, dançar são algumas experiências pelas quais as crianças se utilizam para compreender o mundo a sua volta conforme nos apontam Pinto e Ribeiro (2015).

Assim, o estudo ora apresentado visa discutir o trabalho das linguagens artísticas tridimensionais tendo como aporte as discussões de Moreira (2018), realizado em um espaço formal de educação infantil com crianças de 4 a 5 anos. Tem-se como foco os dados gerados neste espaço, divididos em três etapas: a) conhecimento da turma e duas aulas de aplicação do estudo com um grupo de crianças.

Cartografamos o percurso que permeou entre outras proposições o contato pelas crianças com as produções em cerâmica dos artistas Mestre Vitalino e William Kass. O método cartográfico é uma possibilidade aos docentes da educação infantil, pois a criança se desenvolve e este processo é o foco da observação do professor. Novas aprendizagens, as experiências e as descobertas, cada fator é um novo traço no mapa que é desenhado pela criança e pelo(a) professor(a).

Nesta perspectiva, foi possível compreender a educação infantil como uma etapa singular do desenvolvimento criativo e sensível do sujeito. Sendo as crianças, protagonistas deste percurso, explorando, criando e sentindo o mundo por meio da arte.

Junto da criança, cresce também o(a) professor(a) da educação infantil, que experimenta e busca (re)criar-se, reinventar-se neste processo de aprendizagem sensível, buscando o contato com a arte e suas diversas possibilidades. Nesse sentido, podemos afirmar que, por meio da experiência vivida, a arte na educação infantil proporciona



novas dimensões estéticas e sensíveis, tanto para as crianças, como para o(a) professor(a), assim como modifica o espaço em que as ações se desenvolvem, tornando-o um ambiente de aprendizagem significativa e que a ela faz sentido.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico foi estabelecido tendo a abordagem qualitativa como sustentação da forma com a qual se abordaria o problema e o contexto. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a pesquisa qualitativa está relacionada a descrição do processo e não simplesmente seu resultado. A pesquisa qualitativa possibilita o pesquisador aproximar-se da subjetividade dos sujeitos pesquisados, permitindo desta forma, que sejam descritas as narrativas, vivências e experiências de cada sujeito.

Diversas são as metodologias que podem ser aplicadas, mas cada área de conhecimento possui métodos que se aplicam a determinadas atividades realizadas em seus campos específicos. Portanto, nesta pesquisa e ao considerar as especificidades do trabalho com crianças da educação infantil, tomamos como ponto de partida a cartografia.

Como metodologia, a cartografia surge a partir das pesquisas dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e nos possibilita traduzir e mapear as vivências pelo coletivo investigado num processo cartográfico, que nos possibilita

[...] uma forma de desenhar o mundo, por meio do uso de linhas para demarcar, interpretar e reinterpretar seus territórios [...]. Ela também pode ser aplicada como: “[...] método de acompanhamento para traçar percursos poéticos, sendo aquilo que força a pensar e ver o todo do processo do artista pesquisador, dando-se como possibilidade de caminho a ser traçado no trabalho, como uma atenção voltada ao processo em curso”. (URIARTE, 2017, p. 40).

O cartógrafo desenha o mapa em todo o seu percurso pelo território de pesquisa, sendo que o que importa é o processo e não apenas o resultado. A cada nova exploração, um novo caminho, uma nova descoberta. A Cartografia é “uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração.” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 163).

Assim, como os pontos cardeais nos indicam as coordenadas, nossa cartografia junto as crianças permeou o que aqui chamaremos de dimensões que compreendem a



prática estudada, na compreensão de que este conceito nos permite deslocar o olhar para as partes que compõem o todo da obra, mas que se modificam de acordo com o ponto de vista, assim como uma obra de arte tridimensional; nos possibilitando, neste processo de reflexão sobre a prática, desenhar o percurso num fazer pesquisa em uma hibridização com a perspectiva tridimensional nas experiências com a argila e massa de biscoito com as crianças.

**Primeira dimensão** – andarilhar por estes espaços requer conhecer seus aspectos mais significativos e assim, o primeiro movimento realizado foi a visita ao Centro de Desenvolvimento Infantil para conhecer o contexto, conhecer as crianças e quais as propostas por elas vivenciadas. A organização do espaço que se torna ambiente encharcado de experiências significativas configura-se em cantos temáticos, tapetes, materiais diversos como fitas, tesouras, réguas, e nas paredes algumas imagens impressas, coloridas pelas crianças, telas com respingos de tinta que remetem a uma obra abstrata, uma atividade com mistura de cores (teoria das cores). Neste momento, de observação nos utilizamos de anotações em diário de campo.

**Segunda dimensão** – a segunda dimensão compreende a primeira proposição prática para o grupo. Neste primeiro momento, foram apresentadas as obras do artesão Mestre Vitalino e algumas peças em cerâmica, com o intuito de apreciar a arte feita com esta materialidade, seus aspectos temáticos e estéticos. Num segundo movimento, as crianças puderam criar os seus bonecos de argila, inspirados nas peças de Vitalino, mas com as suas características pessoais. Formas e histórias foram se criando na argila, e ao final, as crianças haviam criados um boneco de argila, que posteriormente seria posto em um ambiente para a secagem e futura queima e pintura.

**Terceira dimensão** – o terceiro ato desta experiência envolve a segunda proposta prática, mas neste momento foram abordados aspectos mais contemporâneos da arte: as obras do artista brasileiro William Kass. O contato com as obras do artista e seus aspectos temáticos se deu por meio da apreciação de impressões e um vídeo que apresentava o processo de criação do artista. Como proposição prática, utilizando alimentos (tema presente na obra do artista), realizamos com as crianças a criação de formas com a massa de biscoito. A elaboração da massa e tingimento com corante foi realizada pelos(as) professores(as). Em seguida, as crianças realizaram a modelagem dos biscoitos com formas que variavam de flores a animais. E ao final da proposta, com



os biscoitos já assados, socializamos as formas feitas por cada criança e todos comeram suas produções.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A partir das dimensões apresentadas na sessão da metodologia, tentamos traduzir em palavras o vivido no percurso e como metodologia de pesquisa que agencia a prática e a teoria, o processo cartográfico possibilita que as pesquisas criem vida também a partir do imaginário do leitor, de como ele se apropria da escrita, compreende, traça a trilha que explicitamente está disposta na figura 1.

Figura 1 – Cartografia do percurso



Fonte: elaborada pelos autores

O percurso escolar da educação básica que se inicia tendo a educação infantil como sua primeira etapa preconizada pelos dispositivos legais. A Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, afirma em seu artigo 6º que “As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: éticos, políticos e estéticos” (BRASIL, 2009,



p.2). Destacamos o princípio estético que se caracteriza em ações pedagógicas que envolvam e criatividade, a sensibilidade, a ludicidade, a liberdade de expressão das mais variadas manifestações culturais e artísticas vivenciadas pelas crianças e aos contextos aos quais estão inseridas.

Sob esta ótica, este estudo busca refletir sobre as propostas e experiências com as diversas linguagens das artes visuais as quais as crianças têm contato e neste percurso destacam-se linguagens como o desenho, a pintura e as colagens. De modo geral, são trabalhadas principalmente as linguagens que exploram a bidimensionalidade, ou seja, aquelas que desenvolvem no processo criativo apenas as dimensões de altura e largura. Imbricados por estas inquietações, refletimos sobre a ausência de contato com as linguagens tridimensionais que pode deixar lacunas no aprendizado das crianças, como nos apontam Camargo e Pillotto (2011, p.119):

A criança, ao ingressar na educação infantil e anos iniciais da educação básica, é orientada e estimulada a se expressar, fundamentalmente, através da escrita, do desenho e da pintura, em detrimento das linguagens tridimensionais. Esse fato pode ocasionar lacunas significativas em seus processos de aprendizagem, interferindo negativamente nos anos seguintes e, muitas vezes, pelo resto de suas vidas. Especificamente, ao chegar ao ensino médio, os educandos demonstram dificuldades na relação corpo-espaco, na leitura dos objetos tridimensionais e, por vezes, rejeitam atividades que promovem o estudo reflexivo da linguagem tridimensional.

É sobre esse fazer tridimensional que em sua pesquisa, Vieira (2014) também relata a falta de estímulo a propostas voltadas ao a perspectiva tridimensional desenvolvidas com as crianças, mais especificamente a criação escultórica e destaca que

A criação escultórica é pouco estimulada nas escolas públicas brasileiras. A maior ênfase é dada às criações bidimensionais como o desenho e a pintura. As esculturas são expressões artísticas tridimensionais que podem ser construídas a partir das massas de modelar (massas plásticas), papel machê, argila, ferro, madeira, entre outros materiais. (VIEIRA, 2014, p 30).

A ausência de práticas tridimensionais nas experiências artísticas com as crianças pode ser analisada por meio de diversos fatores, entre eles podemos citar a falta de estrutura dos espaços institucionais de educação, que muitas vezes não possuem ferramentas e materiais adequados para a realização das práticas com técnicas de arte tridimensional. Observa-se que o contato a tridimensionalidade cria outras relações para além da materialidade, pois pensar tridimensionalmente é colocar na prática o volume e uma outra relação com o espaço.



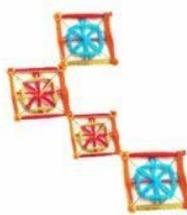
A tridimensionalidade passa a ser nosso objeto de pesquisa nas relações que se tecem com as experiências das crianças a partir de Moreira (2018). Para a autora a perspectiva tridimensional extrapola a linearidade de referência material e espacial de altura, largura e profundidade, este conceito se expande “[...] a questões como espaço/tempo, a estética, a expressão e a composição.” (MOREIRA, 2018, p. 22)

As experiências tridimensionais nos trazem a cerâmica tendo como sua matéria prima a argila, que é definida por Chavarria (1997, p. 27) como “[...] uma matéria que provém da decomposição, ao longo de milhões de anos, de rochas feldspáticas, muito abundantes na crosta terrestre”. A argila é encontrada na natureza e atualmente é usada no comércio para diversos fins, como tijolos e telhas usados na área de construção civil. Por possuir diversos nutrientes benéficos para a pele, a argila tornou-se matéria prima de máscaras de pele usadas em salões e espaços de tratamento estético. Outro ramo que se destaca é a fabricação de vasos, jarros e utensílios de decoração de jardins e interiores feitos por empresas especializadas na produção de cerâmica. A argila também é material utilizado por artesãos que vivem de suas produções, panelas de barro, pratos, jarros e outros diversos utensílios são produzidos no artesanato. E destaca-se nesta pesquisa a arte cerâmica, que foi elevada ao status de arte pelo artista Pablo Picasso, como nos aponta Moreira (2012):

Além de pintor e escultor, enveredou por outras categorias como a cerâmica. Ele a libertou do conceito funcional de pote para o campo da arte, transferindo a ideia de utilitário para o artístico. Respeitando o princípio do pote, porém transgredindo seus conceitos estéticos iniciais, Picasso propicia à cerâmica o status de obra de arte. (MOREIRA, 2012, p. 31)

Elevada ao status de obra ou objeto de arte, as peças feitas em cerâmica têm como uma de suas principais características a queima. Existem cerâmicas de baixas temperatura que são as queimas que atingem temperatura abaixo dos 800° C, e são classificadas como terracota, as principais produções de terracota advêm de períodos em que ainda não existiam fornos e por isso as peças eram queimadas em fogueiras que dificilmente atingiam altas temperaturas. Acima dos 800°C são consideradas queimas de altas temperaturas.

Chavarria (1997, p. 56) nos lembra que “Não podemos esquecer que é mediante a cozedura que a argila adquire sua dureza definitiva, convertendo-se numa matéria perdurável”. Ou seja, peças que não são submetidas a queima correm risco maior de se



quebrarem. Após a queima, podendo ser realizada em diversos tipos de forno, como por exemplo o elétrico ou de estilo japonês Bizen, que é “alimentado” por madeira, a peça ganha o nome de “biscoito”, essa cerâmica pode agora ser submetida a uma pintura, que pode ser feita com tintas à base de água ou com os vernizes ou esmaltes cerâmicos, que também são chamados de vidrados. Essa é outra característica da cerâmica, a pintura com esmaltes ou vernizes traz a peça um acabamento especial e único dessa linguagem artística.

Conhecer a história, as técnicas, os materiais e ferramentas é fundamental para o professor que deseja proporcionar as crianças o contato com a arte cerâmica. A modelagem em argila, quando compreendida como experiência, traz inúmeros resultados benéficos ao desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, Vieira (2014, p. 19) nos aponta alguns dos aspectos positivos ao descrever que

[...] a estética é aprimorada. As ideias se organizam melhor com o crescimento da criança. O que mais importa é que estavam desenvolvendo a linguagem que é a significação de símbolos. Os seus símbolos significantes eram as peças que estavam modelando. (VIEIRA, 2014, p 19)

O barro, por si só, desperta nas crianças o desejo de manusear, amassar, tocar na matéria, sentir sua textura, temperatura e que pode por sua vez, se tornar uma experiência/sentido para a criança nas palavras de Larrosa (2017). As interações e brincadeiras que os diversos objetos e materiais explorados pela criança permitem fruir sua imaginação e sua criatividade. Assim, também o barro desperta o desejo de criar, através da modelagem e potencializa-se na criança o desejo de trazer ao tridimensional seus pensamentos “O barro é uma matéria particularmente de criação tridimensional, estimula os sentidos. Ele tem temperatura, cheiro, cor, corpo e temperamento. Ele nos remete à infância, ao mexer na terra, à construção de formas. (VIEIRA, 2014, p 25)”. Proporcionar as crianças experiências com a argila é compreender que lhes permite externar o que sentem, um momento de educação estética e sensível e neste sentido a cerâmica é:

[...] uma maneira lúdica de representação do imaginário, do que existe no mundo interno e externo de cada um de nós. Construída com o barro que já considero lúdico pela sua plasticidade, maleabilidade, textura e possibilidades de criação, a cerâmica é palpável, é funcional! Pode ser um brinquedo, um utilitário, um objeto de decoração. Possibilita-nos a interação como resultado do trabalho plástico. (VIEIRA, 2014, p 30)



A opção de utilizar a cerâmica com crianças não requer a melhor argila, as ferramentas usadas por ceramista, um forno. Tudo é uma questão de adequação, a argila pode ser comprada em uma floricultura local, podem ser usados talheres no lugar das estecas, ferramentas utilizadas para realizar incisões, desenhos, e formas na argila e a queima pode ser realizada de forma segura utilizando outros recursos. Sugere-se uma apresentação em vídeo do processo de queima ou até mesmo visitação a um ateliê de cerâmica, para que as crianças tenham contato com este processo enquanto linguagem da arte.

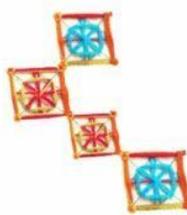
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No campo que se refere as experiências com as artes visuais algumas linguagens possuem características que as classificam como tridimensionais, e segundo Moreira (2012, p. 21) “A tridimensionalidade tem seus conceitos caracterizados habitualmente como estrutura dimensional de largura, altura e profundidade (...)”, podendo identificar assim algumas linguagens como a escultura, a cerâmica e posteriormente a arte moderna as instalações e linguagem dos arte-objetos que foram inseridos nas artes visuais no decorrer dos acontecimentos que marcaram a história da arte. Esta compreensão destaca-se nas palavras de Vieira (2014, p. 20) ao afirmar que

[...] as primeiras experiências de um bebê são com o tridimensional, ao agarrar os dedos da mãe, ao sentir e tocar brinquedos, chocalhos ou a própria chupeta. Vieira nos diz que: A criança, desde o seu nascimento, começa a descobrir-se por corpos, por volumes. Bebês recém-nascidos, apenas alguns momentos após o nascimento, são capazes de ver objetos a uma distância de 20 a 25 centímetros do seu rosto. O seu primeiro contato com o mundo é a visão através das formas. Ele ainda não vê o mundo colorido. Vê as formas. Para ele, o mundo ainda é visto em preto e branco, prioritariamente, pois são os maiores contrastes.

Portanto, é através do tridimensional que construímos nossa percepção de espaço, é onde baseamos nossa localização e exercitamos os sentidos. Através de uma perspectiva sobre as três dimensões consegue-se entender que “Perceber largura, altura e profundidade é uma condição privilegiada sobre a qual os humanos organizam e constroem meios que possibilitam melhor qualidade de vida e maiores possibilidades de sobrevivência”. (MOREIRA, 2012, p 43).

As inovações do mundo contemporâneo trouxeram inúmeros benefícios para a humanidade, mas nota-se que os indivíduos se desmaterializaram e vivem um mundo



muito mais virtual do que real, este fato pode trazer consequências que afetam a todos uma vez que

A internet, a comunicação de massa, os futurismos tecnológicos viabilizam uma vida desmaterializada, paralela à vida materializada. O virtual interage com o material de forma inusitada e inédita. Essa convivência proporciona menos contato com a realidade tridimensional o que pode causar a redução da capacidade de percepção da realidade concreta em que vive. A perda da conexão com o meio ambiente pode de certa forma, favorecer uma falta de interesse pelo planeta e pode também desestimular a convivência e os relacionamentos entre as pessoas. (MOREIRA, 2012, p 44)

A realidade vivenciada neste tempo de pandemia permite confirmar os apontamentos da autora, cada vez mais o ser humano se esquece do real, os recursos se esgotam cada vez mais cedo, o efeito da falta de consciência sobre a própria realidade afeta a todos que vivem sobre o planeta terra. Perceber e incentivar o tridimensional na educação infantil, contribui para a formação estética e sensível das crianças enquanto sujeitos em percurso de formação e na relação que estabelece com o mundo a sua volta. Neste âmbito, a arte desponta como mediadora entre a criança e o tridimensional, através da arte educação é possível despertar nas crianças a consciência crítica e atenta ao mundo e principalmente, a percepção do seu papel perante os fatos e acontecimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio desta pesquisa é possível compreender a relação que as crianças estabelecem com as vivências e experiências estéticas nos encontros com a arte e a cultura. Observou-se nesse percurso um movimento de ampliação de repertório cultural e de técnicas com as crianças. Nesse sentido, a troca de experiências é um momento rico em aprendizados, pois enquanto pesquisadores nos provocamos a olhar a íntima relação e a liberdade das crianças com a materialidade.

É possível trabalhar a tridimensionalidade com as crianças, seja com o barro, seja com massa de biscoito ou massa de modelar, inúmeras são as possibilidades. Todo o processo de planejamento das vivências, escolha das propostas, curadoria educativa deve ser pensada cuidadosamente e sem certezas absolutas, afinal, ao cartografar o percurso compreendemos que o território é composto de diversos “acidentes geográficos” e estamos suscetíveis a realizar mudanças em nossas escolhas a todo momento.



Sob esta ótica também pode-se perceber que à criança, não interessa a apreensão de técnicas e especificidades das Artes Visuais, mas sim, a experiência estética, a vivência com a arte, com as obras, com os artistas, com a matéria prima. Esta percepção reforça a importância do ato e do processo criativo para o desenvolvimento do sujeito integral: sensível, pois esta é a dimensão que nos possibilitou perceber o mundo junto às crianças.

A pesquisa com as crianças nos leva a encontros com a arte, com a vivência singela infantil com a materialidade artística e com experiência da elaboração tridimensional de pensar o mundo.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEIN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Resolução N° 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, n. 242, 18 dez. 2009.

CAMARGO, M da. L. A; PILLOTTO, S. D. **A construção do pensamento tridimensional e suas influências nos processos de aprendizagem.** In: PILLOTTO, S. D; GEVAERD, M.M. (Org.) Educação Patrimonial: Conexões interativas Lages: Grafine, 2011.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica:** [a técnica e a arte da cerâmica explicadas do modo mais simples e atraente]. Lisboa: Estampa, 1997. 192 p, il. (Coleção artes e ofícios).

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, G. ; GUERRA, M. T. T. . **Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. v. 1. 208p.

MOREIRA, Roseli Kietzer. **Arte, Estética e Educação:** uma perspectiva tridimensional. Pará de Minas: VirtualBooks Editora, 2018.

MOREIRA, Roseli Kietzer. **O tridimensional:** dimensões para arte e educação. Blumenau: Nova Letra, 2012. 122 p, il.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-posições,** Campinas, v. 23, n. 3, p.159-178, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n3/10.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PINTO, Davi de Oliveira; RIBEIRO, João Rafael Vieira. O PROFESSOR DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: analisando aspectos de uma prática docente em construção. **Teatro:** criação e construção de conhecimento, Palmas, v. 3, n. 4, p.22-29,



jan. 2015. Disponível em:  
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/1396/8363>>.  
Acesso em: 25 nov. 2019.

URIARTE, M. Z. **Escola, música e mediação cultural**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

VIEIRA, C.A. **Desenvolver-se no barro: A contribuição das aulas de cerâmica às crianças do ensino fundamental II**. 2014, 153 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho – Uninove, São Paulo.